

PATRIMÓNIO, SAÚDE E MEDICINA, OU A *ARTE* DE DAR VIDA À *MEMÓRIA*. TRILHOS DE CULTURA & CIÊNCIA

por

Maria de Fátima Nunes¹

Resumo: O Campo de Sant’Ana partilha memórias: políticas, científicas e urbanas. O liberalismo de 1817-1820 implantou o Campo dos Mártires da Pátria. O ano de 1906 carimbou a internacionalização científica, acolhendo o XV Congresso Internacional de Medicina. A década de 1930 encontra-se plasmada no Goethe Institut. Esta colina oferece várias camadas de memórias temporais, patrimónios, coleções, artefactos, edifícios que se conjugam para produção de saberes com práticas da cidadania. Fazer “a arqueologia das ideias e das palavras”, na “Colina da Saúde”, permite abrir às ciências sociais este espaço cultural e científico de Lisboa, capital de vários “complexos histórico-geográficos”.

Palavras-chave: Memória Científica; Campo dos Mártires da Pátria; Liberalismo.

Abstract: Campo de Sant’Ana shares memory: political, scientific, and urban. The liberalism of 1817-1820 established the Field of Fatherland’s Martyrs [Campo Mártires da Pátria]. The year 1906 stamped the scientific internationalization, welcoming the XV International Congress of Medicine. The 1930s is shaped by the Goethe Institute. This hill offers several layers of temporal memory, heritage, collections, artifacts, buildings that combine to produce knowledge with citizenship practices. Doing “the archeology of ideas and words” in the “Hill of Health” allows opening to the social sciences this cultural and scientific space of Lisbon, capital of several “historical-geographical complex”.

Keywords: Scientific Memory; Field of Fatherland’s Martyrs; Liberalism.

A MEMÓRIA DE ESPAÇOS DE CIÊNCIA – CRUZAMENTOS, DO LOCAL AO GLOBAL

A configuração global da memória dos espaços científicos insere-se na construção e no público entendimento de memória da ciência e de cultura científica, eivada de traços de cidadania e de travejamentos políticos e ideológicos. Pelo Campo

¹ Professora Catedrática de História da Universidade de Évora, investigadora integrada IHC (NOVA FCSH), coordenadora científica do G. I. Ciência (CEHFCi-UE).

de St'Ana vs. Campo dos Mártires da Pátria o fio do tempo deixou marcas de memórias de vários matizes, que convivem, ou se anulam em função do momento vivencial de as usar ou de as lembrar. Espaço que evoca os Hospitais Cívicos de Lisboa, a Faculdade de Ciências Médicas da UNL, ou o recordar os Mártires da Pátria de 1817, prenúncio do Liberalismo vintista de 1820, e cuja comemoração nacional, mas também científica, se aproxima a grande velocidade de 2020! A máquina comemorativa já está em movimento.

Na viragem do milénio as publicações de referência, internacionais, de História da Ciência de História fizeram sair números temáticos cuja importância de agenda de reflexão continua a ser de grande durabilidade. Referimo-nos ao número de *Osiris*² (1999, nos Estados Unidos) e ao volume temático de *British Journal of History of Science*³ (2000, na Europa). A análise e o estudo da construção cultural e social da memória, desde Maurice Halbwachs⁴, têm sido um tópico fundamental para cruzar a visão do Positivismo com a construção historiográfica da realidade cultural, mental e social do final do século XIX e de todo o século XX. Sinal inequívoco desta fixação do tempo (dito) contemporâneo, marcado por variados ciclos de comemorações e homenagens, são as grandes tarefas do Estado francês em torno das (bi)comemorações da Revolução Francesa, levantando uma série de inovações, ao nível da encenação dos festejos, mas sobretudo ao nível de novas formas de análise e de investigação sobre a memória e os vários significados dos signos *feira vs. comemoração*.

Por seu lado a *History and Theory*, em Maio 2002, dedica dois artigos ao *problema da Memória*: o estudo da memória transdisciplinar, inserindo-se no amplo campo dos *Cultural Studies* e o paralelismo entre memória e história enquanto tempo litúrgico e tempo histórico, desvendando os múltiplos significados e

² “Commemorative Practices in Science. Historical on the Politics of Collective Memory”, in *Osiris*, (Edited by Pnina G. Abir-Am and Clark A. Elliot, vol. 14, 1999).

³ “On time: History, Science and Commemoration”, in *The British Journal for the History of Science* (A special issue, Guest Editor: William Ashworth, Jon Agar and Jeff Hughes, 2000).

⁴ Nestes contextos de história e memória é sempre de grande utilidade o eterno retorno a M. H. (1877-1945) e a espantosa releitura da sua obra *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925). Paris, Librairie Félix Alcan, 1925 (première édition). Um texto a que se deve sempre voltar. E foi muito útil retornar a velhas leituras, para reinterpretar os espaços de memória, a dirigida por Pierre Nora (dir.) (1984-1993), *Les Lieux de la Mémoire*, 7 vols. Paris, Ed. Gallimard, 1984-1993; o artigo que tanto faz pensar, de Krzysztof Pomian, “De l’histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, objet d’histoire”, in *Revue de Métaphysique et de Morale* (janv.-mars, n.º 1, 1998), pp. 63-110.

utilizações do tempo – real, imaginado, celebrativo, litúrgico, factual e outros de sabor imaginativo ou de simbologia política & científica⁵.

Numa outra viagem de leituras em torno de usos de memória não queremos deixar para trás o registo de Maria Bolaños⁶, que nos introduz nos percursos de Museologia e nos guia por novos e antigos repositórios de memória material. E recentemente, pela mão de Elisabete Pereira, o contributo de biografias de objetos de museus que nos abre um universo metodológico inovador no campo de trabalhar como memórias e identidades, de espaços, de territórios, de tempos e de atores científicos⁷.

Lidamos, pois, com várias tipologias de objetos, signos, espaços. Edifícios, atores, textos, imagens, fotografias, imagens animadas que nos transportam para a construção idealizada de um passado, dando notas de identidade e de identificação, de grupo profissional, como os cientistas a partir do século XIX, enquanto comunidade científica nacional vs. internacional.

As ciências sociais ocupam-se, pois, em repartir o sótão da memória coletiva e arrumar analiticamente o passado de uma forma crítica e criativa. E talvez a oficina da história seja exatamente esta metáfora de desmontar e montar memórias, ligando Penélope e Clio em simultâneo, para conjugar com o contexto dos próprios historiadores que escolhem um objeto de trabalho. Verificamos, desde logo, que sentiram necessidade de ter/construir uma memória, de abrir a arca das recordações e dos feitos a comemorar, de celebrar, de civicamente organizar manifestações de cultura do passado (recente) científico, mesmo quando parecem ter sido há apenas 20 anos, como o movimento Expo-98⁸. Uma penumbra no passado que começou pelo século XVIII, com ligações metafóricas de uma longa cadeia do ser, lembrando Lovejoy⁹ ao espantoso “milagre grego” de um eixo civilizacional que passava (e passaria ainda durante alguns séculos mais) pelo Mar Mediterrâneo que depois de Fernand Braudel ganhou outras texturas de memória e de contexto.

⁵ Wulf Kansteiner, “Finding Meaning in Memory: A Methodological Critique of Collective Memory Studies”, in *History and Theory* (vol. 41, n.º 2, May, 2002), pp. 179-197; Gabrielle M. Spiegel, “Memory and History: Liturgical Time and Historical Time”, *History and Theory* (vol. 41, n.º 2, May, 2002), pp. 149-162.

⁶ Maria Bolaños, *Historia de los Museos en España. Memoria, cultura, sociedad* (Gijón, Trea, 1997; edición ampliada en 2008).

⁷ Elisabete Pereira, *Coleccionismo Arqueológico e Redes do Conhecimento: Atores, Coleções e Objetos* (1850-1930) (Lisboa, Direção-Geral do Património Cultural / editora Caleidoscópio), 2018.

⁸ Cfr. Recente artigo sobre os 20 anos da Expo 1998, Bruno Pinto, “1998, celebrating oceans in Lisbon Expo’98: World exhibitions and science communication”, *Public Understanding of Science* (1-2018), pp. 2-5.

⁹ Cfr. Arthur O. Lovejoy, *La Gran Cadena del Ser. Historia de una Idea*, Icaria Editorial, 1983 [1.ª edição – 1936].

A par das práticas de representação cultural e de manifestações cívicas e públicas dos ciclos de comemorações e de rituais de realizações festivas – desde o culto cívico dos centenários oitocentistas às comemorações oficiais, e não oficiais, das feiras de vaidades e de manifestações coletivas que a Expo’98 consagrou – procurámos canalizar este olhar de desmontagem de história cultural vs. história da cultura para a celebração de memórias ligadas à história da atividade científica, da comunidade e das instituições científicas em Portugal, desde o final do século XIX até meados do século XX.

Foi sob o conforto de leituras, revisitadas, que nos abalançámos a efetuar uma digressão por outros caminhos, por outros corredores, por alguns dos esquecimentos das histórias da construção de memória(s) em Portugal.

“QUANDO A MEMÓRIA VIRA PATRIMÓNIO: ENTRE A BELEZA DO MORTO E OS NOVOS CAMINHOS”

Num tempo em que se tornou ecuménico o património, que relação estabelece a memória com ele, entre *a beleza do morto* e novos caminhos? Qual o papel da cultura na construção de uma *força material das ideias*? Em processos de exibição e musealização do passado, como lidamos com a memória das ditaduras e os processos de transição para as democracias? Que espaço se consagra ao devir na pesquisa em ciências sociais?

Perguntas que nos deixaram em estado de inquietação como historiadora e como historiadora da cultura científica e da construção de camadas de memória científica. Importava fixar duas coordenadas: um tempo (desejável de longa duração) e um espaço. O tempo, meados do século XVIII, o espaço, uma das Colinas de Lisboa, que não desapareceu com o grande sismo de 1755. Para dar materialidade, e voz, à investigação de uma equipa de alguns anos – formatada por cumprimentos de gerações de investigadores/doutorandos – focamos a nossa atenção para uma área que hoje, 2018, no espaço público se assume como a *Colina da Saúde*, outeiro de velhos conventos transformados em Hospitais perante o desafio de passarem a ter usos.

Neste contexto compulsamos as várias camadas memória (s) científica (s) que se foram tecendo com colegas de grupo de investigação, com alunos de vários ciclos, com propostas de visitas guiadas, *e.g.* Centro Nacional de Cultura – olhares de História, Ciência & Cultura em Lisboa. É nesta encruzilhada de pessoas e de

ações que surge a ideia de conjugar o Património, Saúde e Medicina, ou a *arte de dar vida à memória*. Trilhos de cultura & ciência.

Em termos de história patrimonial colocamos o *take off* do tempo histórico no sismo de 1755, lido oficialmente pelo consulado pombalino como de leis naturais e físicas. Na transição de meados do século das Luzes, registamos na Europa a circulação do poema de Voltaire – *Poème Sur Le Désastre de Lisbonne*¹⁰. No dizer de Gilber Durand¹¹, por esse tempo a Europa respirou e sentiu o palpar de um coração naturalista que se localiza no pelo estuário do Tejo, como o perfil de uma Europa setecentista!

E os ciclos de recordar memória (não exatamente com a mesma geometria ou arquitetura interna de comemorar afetos pátrios.) trouxeram para as agendas interdisciplinares dos 250 anos de 1755. O ano de 2005 e “arredores” foram pródigos em realizações de Congressos, Colóquios, Livros, Exposições, Eventos oficiais de Estado, efervescência académica de unidades de I&D e Universidades em se desdobrarem em eventos centrados em 1755¹². E em todos estes ciclos a temática do património – destruído/construído – esteve bem presente, sempre com diálogos interdisciplinares para a paleta da memória da tragédia humana, num ciclo de sempre lembrar antropologias do imaginário¹³.

E, recordando o mote “enterrar os mortos cuidar dos vivos”, numa visão racional de olhar os sobreviventes do sismo a precisarem de cuidados, o poder de gerir saúde pública subiu a colina de Sant’Ana para ocupar os espaços religiosos e educativos do Colégio de Santo Antão¹⁴ – transformado em Hospital de S. José. A derrocada do Hospital de Todos os Santos, no Rossio, na base da Colina de Sant’Ana fez deslocar, até hoje (2018), o eixo de saúde e de cuidar de gente doente, dando novas funcionalidades ao “Campo do Cural”, na parte cimeira do

¹⁰ Cfr. *Poème sur le désastre de Lisbonne* [1755], Edição traduzida de Vasco Graça Moura (Lisboa, Ed-Alêthea, 2012).

¹¹ Gilber Durand, *As estruturas antropológicas do imaginári: introdução à arquetipologia geral*, trad. Hélder Godinho (Lisboa, Presença, 1989).

¹² Cfr. António Betâmio de Almeida, “Um terramoto em Lisboa (1755): uma reflexão de agora, 260 anos depois”, in *Um terramoto em Lisboa (1755): uma reflexão de agora, 260 anos depois?* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015), pp. 14-34.

¹³ E em 2005, o historiador de um século XVIII europeu, Rui Tavares, foi considerado o Autor do “Melhor Ensaio 2005”, tornando-se numa referência obrigatória para a história do Grande Terramoto de 1755; Rui Tavares, *O pequeno livro do Grande Terramoto: ensaio sobre 1755*, 3.^a edição (Lisboa, Tinta-da-China, 2006).

¹⁴ Cf. Henrique Leitão, *A Ciência na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, 1590-1759*, Lisboa, Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier, 2008.

Convento – Colégio de Santo Antão, a Aula da Esfera, onde se praticava o ensino de Astronomia, ministrado pelos Astrónomos e Matemáticos da Companhia de Jesus¹⁵.

E para uma memória científica de memória hospitalar recorrermos ao trabalho de Célia Pilão¹⁶, para se entender porque nos situamos na Colina de Sant’Ana para cuidar da beleza do morto e da memória do devir, pela força das ideias trabalhadas em ciências sociais, como historiadora. Sigamos o itinerário que a Autora nos propõe: “Entrando no átrio, que foi em tempos a entrada nobre do colégio jesuíta, sobem-se as escadarias para chegar ao que é hoje o Salão Nobre do hospital, a famosa sala da Aula da Esfera, em que durante 170 anos foram ensinadas ciências exatas – Matemática, Geometria, Aritmética, assim como Náutica, Engenharia Militar e Arquitetura”¹⁷.

O que nos importa aqui reportar em termos de construção de uma narrativa – interpretativa da memória científica de um espaço com textura histórica – é o facto de a Colina que medeia o atual Martins Moniz e o Campo de Sant’Ana não ter sucumbido com o terramoto de 1755¹⁸. Uma colina que permaneceu no traçado urbano de paisagem topográfica da cidade. As funcionalidades foram alteradas, as gentes mudaram mas estruturas materiais – e depois patrimoniais – mantiveram-se para receberem novas memórias, novos usos, novas marcas.

E o recente contributo, da equipa de Arqueologia de Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes e Tânia Casimiro¹⁹, sobre sinais de luxo e opulência no

¹⁵ Cf. Para uma leitura de património e de memória na cidade Irisalva Moita, *V Centenário do Hospital Real de Todos os Santos, Lisboa*, Ed. CTT, 1992. E para memórias de passado/presente o olhar de César Gomes, *Ontem, futuro de amanhã: personalidades-mudanças: do Hospital de Todos-os-Santos aos Hospitais Cívicos de Lisboa*, Lisboa, Ed. Colibri, 2016. Para outros detalhes patrimoniais e históricos sobre a memória destes espaços a consultar. Acedidos 2 Novembro, 2018: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73744/>>; <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4048>.

¹⁶ Célia Pilão, administradora hospitalar do Património Cultural do Centro Hospitalar de Lisboa Central, guia-nos pelos espaços históricos do São José espaço hospitalar.

¹⁷ Informação acedida a 2 Novembro, 2018: <<https://www.dn.pt/sociedade/interior/colina-de-santana-ha-500-anos-a-tratar-da-saude-de-lisboa-5675823.html>>, <<https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/tag/celia-pilao>>. Museologia.pt, n.º 5, 2011. <<https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/>>, Célia Pilão, “O património dos antigos hospitais de Lisboa: que fazer com esta herança?”, (*Museologia.pt*, n.º 5, 2011), p. 10 ss. <<https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/tag/celia-pilao>>.

¹⁸ Acedido 15 Novembro 2018: <<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=616>>.

¹⁹ M. V. Gomes, R. V. Gomes, T. M. Casimiro, “Convents, monasteries and porcelain: a case study of Santana Convent, Lisbon”, in *Global Pottery 1: historical archaeology and archaeometry for societies in contact* [Jaume Buxeda i Garrigós (ed. lit.), Marisol Madrid i Fernández (ed. lit.), Javier García Iñáñez (ed. lit.), BAR (International Series, 2015), pp. 93-102.

convento de Sant'Ana, ali plantado desde o século XV²⁰; um estudo motivado por intervenção urbana na antiga cerca do convento com abertura de novas visões sobre quotidianos de esplendor dentro de muros conventuais de freiras, oriundas de uma elite e social, até à extinção do convento, em 1884²¹, quando morre a última monja. Sinal de vida, sinais de memória futura após sismo de 1755 na colina de Sant'Ana. Monjas até 1884, na rua frente à Real Escola Médica Cirúrgica de Lisboa (criada na ressaca dos ventos da Abrilada miguelista, em 1825) que se transformou pela força do liberalismo Setembrista na Escola Médico-Cirúrgica, em 1836. Uma instituição de ensino médico, liberal, lado a lado com já consagrado Real Hospital de S. José, empena da urbe que termina no Campo de Sant'Ana, que foi sendo moldado por memórias vivas e materiais do liberalismo oitocentista. Assim, esta colina lisboeta, onde já esteve a Praça de Touros da cidade²², tem memórias vivas das transformações de modernidade política, ideológica e científica trazida pela Revolução Liberal de 1820.

Deambulemos, por agora, pelas páginas da Antropologia para obter informação cumulativa para alargar esta narrativa de gramática de oficina de história. O mote é fornecido pela descida da calçada do Campo de Sant'Ana ao Martins Moniz, uma montra para, etnograficamente, permite observar “variedade de práticas relativas à saúde, à doença, à gestão do sofrimento e às estratégias de cura, tem como contrapartida num precipitado urbano ao qual corresponde um momento que pode ser descrito como de multiculturalismo na Lisboa contemporânea”²³. Pela nossa parte, sentimos ganas de subir mentalmente (e depois materialmente) a calçada de S. Lázaro, passar o arco triunfante do Colégio – Convento de Santo Antão e entrar no alto Colina (dita) da Saúde, passar em frente à Escola Médica – Faculdade de Ciências Médicas da NOVA, ficar a mirar de espanto as velas de promessas,

²⁰ A Faculdade de Ciências Médicas da Nova – frente ao espaço do antigo convento – fez instalar o seu novo edifício de laboratório no que fora os espaços anexos do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, ali alocado depois de 1884, num tempo pós 1891, onde se erguia a cerca e o espaço do convento de Sant'Ana. A destruição/reconstrução de novo espaço científico implicou a intervenção oficial de equipa de arqueológicos, tal como se encontra estipulado pela legislação em vigor, em Portugal, cumprindo preceitos internacionais.

²¹ Acedido 15 Novembro, 2018: <<http://maislisboa.fcsh.unl.pt/luxo-e-erotismo-no-convento-de-santana>>.

²² Cf. acedido 18 de Novembro, 2018: <<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/11/praca-do-campo-de-santanna.html>>. Praça de Touros mandada construir por D. Miguel foi inaugurada 3 julho 1831. O tempo do Miguelismo no Campo de Sant'Ana.

²³ Cristiana Bastos, “Omulu em Lisboa: Etnografias para uma teoria da globalização”, in *Etnográfica*, (vol. V (2), 2001), pp. 303-324.

e a materialidade de ex-votos, na base da estátua do médico laico, mas santo na cultura popular, o *Dr. Sousa Martins*²⁴.

Num registo de ventos «globais e multiculturais» impõe-se uma paragem em 1817, data de um capital simbólico inestimável, ao criar a memória de emoções para nos fazer acreditar que há sempre lugar para um *Felizmente há Luar...*²⁵, não importa a época de negritude vivencial. Os acontecimentos desse ano foram o prenúncio da revolução vintista de 1820. E os tempos do Liberalismo vintista haveriam de transformar o Campo de Sant’Ana em Campo dos Mártires da Pátria, tal como placa, ali instalada pela Câmara Municipal de Lisboa, no centenário de 1917²⁶, regista a memória local para as vivências nacionais e internacionais. Nela se pode ler que se trata de uma homenagem «aos heroicos companheiros do General Gomes Freire de Andrade» que defenderam a “liberdade e a integridade da Pátria”²⁷.

Quando nos aproximamos das comemorações oficiais de 1820 – com comemorações científicas oficiais a terem lugar em 2020²⁸ – não podemos esquecer que a Colina da Saúde vs. a Colina de Sant’Ana – e de valorização de património urbano, cultural e científico – está ainda sob a designação oficial de Campo dos Mártires da Pátria!

²⁴ Cf. Carla Jesus, Sousa Martins, *Biografia de um Homem que o Povo fez Santo* (Ed. Rossio, 2015). Ou uma visita ao Museu de Alhandra – Casa Museu Sousa Martins, Vila Franca de Xira. Acedido 15 Novembro, 2018: <https://www.cm-vfxira.pt/pages/1008?poi_id=171>.

²⁵ Texto de dramaturgia, de Bernardo Santareno, escrito durante o período salazarista, que evoca a lendária expressão do General Gomes Freire de Andrade, em 1817, antes de morrer na força, no Forte de S. Julião da Barra, no estuário do Tejo, em Lisboa.

²⁶ Acedido 15 Novembro, 2018: <<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/lapide-comemorativa-do-centenario-da-morte-dos-martires-da-patria>> e ainda, acedido 15 Janeiro, 2019: <<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/placasevocativas/pecas/Paginas/Martires-da-Patria.aspx>>.

²⁷ A placa foi recentemente recuperada e as letras negras ganharam vida para serem lidas pelos passeantes do Jardim do Campo dos Mártires da Pátria, designação oficial – e postal – da toponímia do lugar. Esta placa municipal recorda-se a todos os viajantes do lugar que em 1817 foram enforcados e queimados de fogueira pública os sublevados da conspiração liberal de 1817. General Gomes Freire de Andrade seria enforcado em noite de luar cheio, no Forte de S. Julião da Barra, de acordo com cânones e honra militar.

²⁸ Agendas preparadas desde 2015, quando a revista *Ler História* (n.º 68) fez publicar dossier temático “Sob o signo da liberdade”. Esse foi o *take off* levado a cabo pelos historiadores portugueses para a preparação do Congresso de 2020, com agendas internacionais para o estudo do vintismo português, sob o *patronage* da Assembleia da República. Cf. Congresso do Bicentenário da Revolução de 1820. Acedido 15 Novembro, 2018: <<http://cbr1820.com>>.

OUTRAS MEMÓRIAS CIENTÍFICAS E CULTURAIS

A entrada no século XX – Monarquia e República traz para o Campo dos Mártires da Pátria, em 1906 – o XV Congresso Internacional de Medicina e a inauguração da nova Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. Os esforços de diplomacia científica levados a cabo por Miguel Bombarda²⁹, no seio da comunidade médica internacional foram coroados de êxito, uma vez que o Congresso teve lugar em Portugal, em espaço próprio, inaugurado para o acolher, ao lado do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana³⁰, após a esquina do (ainda velho) Instituto de Medicina Legal. Obriga o congressista a olhar o Real Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (1892), ocupando um quarteirão inteiro, e que outrora fora o Convento de Sant’Ana, até 1884, quando morre a última monja! A partir deste epicentro é possível traçar itinerários, reais ou imaginários, de memória de ciência e de práticas científicas e culturais no século XX.

Um prende-se com a construção da estátua de Sousa Martins (1907), frente ao novo edifício da Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. Outro eixo, já com a República a governar³¹, materializa-se nas novas instalações do Instituto de Medicina Legal³², em função das diligências para novo edifício, por parte de Azevedo Gomes, como faz ressaltar Ângela Salgueiro na sua obra³³ sobre o papel dos laboratórios no cruzamento entre Universidades e prática científica na I República.

Mas o Campo dos Mártires da Pátria emoldurava também os espaços amplos e ajardinados do Ministério da Instrução Pública, depois Ministério de Educação Nacional, a partir de 1936. Frente ao lago, o espaço do Instituto Alemão, paredes de vizinhança com o Patriarcado de Lisboa, e outras vivências culturais, científica

²⁹ Cf. Maria Luísa Vilarinho, *Miguel Bombarda e o XV congresso internacional de medicina* (Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006) e ainda Madalena Esperança Pina e Maria de Fátima Nunes, “XV congresso Internacional de medicina de 1906: viagem e ciência”, in *Arte e Viagem*, coordenado por Margarida Acciaiuoli e Ana Duarte Rodrigues (Lisboa, E. IHA, 2012), pp. 155-161.

³⁰ Cf. Alexandra Marques, *O INSTITUTO BACTERIOLÓGICO CÂMARA PESTANA: Ciência Médica e Cuidados de Saúde* (1892-1930). Tese de Doutoramento História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora, 2019 e ainda José Pedro Sousa Dias, “O Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial”, *Património da Universidade de Lisboa. Ciência e Arte*, coordenado por Marta Lourenço, Maria João Neto (Ed. Universidade de Lisboa/Tinta-da-China, 2011), pp. 137-154.

³¹ Por decreto de Março de 1911 a Escola Médico Cirúrgica de Lisboa integra a Universidade de Lisboa, como Faculdade de Medicina.

³² Anteriormente estavam nos espaços do Hospital de S. José, na fronteira com os muros e a empena da Escola Médico Cirúrgica.

³³ Cf. Ângela Salgueiro, *Ciência e Universidade na I República* (8.ª Edição Caleidoscópio, 2018). Alguns deste aspetos foram desenvolvidos para uma temporalidade posterior por Quintino Lopes, *A Europeização de Portugal Entre Guerras. A Junta de Educação Nacional e a Investigação Científica*, Ed. Caleidoscópio, 2018.

e ideológicas dos anos 30 do século XX, bastante agitadas e efervescentes como Cláudia Ninhos demonstrou de forma magistral na sua tese de doutoramento³⁴.

História da Ciência e Cultura Científica – espaços e materialidade de fontes de história da ciência – uso para uma agenda de 2030! A da CE e a da ONU, obrigatória para candidaturas a bolsas de doutoramento FCT, em 2018! Motes, afinal, para se pensar a construção de novas identidades, de visualizar fragilidades do passado e de suas persistências no presente, nas vivências de cidadania de todos nós.

O cruzamento de saberes e a cumplicidade de júnior e séniores com brilho de internacionalismo da nossa prática científica e de passar por vários laboratórios de experimentação científica como historiadora – os Mestrados e os doutoramentos Hoje há também memória, que continua um cadinho fundamental para se continuar almejar pertencer à tribo científica das Ciências Sociais e Humanas com o nosso métier de historiadora.

Deixamos um último repto, em jeito de grande provocação. O desafio da beleza do morto, ou a cerveja de uma cerveja para um amanhã! Deixemos a narrativa jornalística fluir, em torno da *A Sant'Ana LX Brewery*:

*[...] A partir das 14h30 dos dias de semana, é uma lufa-lufa no 53 da Rua Bernardim Ribeiro, nas traseiras da antigo Hospital Miguel Bombarda. A Sant'Ana LX Brewery foi buscar o nome à feliz coincidência de apelido do produtor [Gonçalo Sant'Ana] com a zona onde é produzida. Está já à venda numa dezena de locais da cidade. E não aspira a expandir-se para fora dela. Uma produção orgulhosamente local. [...] A primeira da capital, a Sant'Ana LX Brewery, começou oficialmente a 8 de Março [2014]. [...] Acredito que a cerveja é um produto local, que pode e deve ser produzido e consumido sem massificação”, diz Gonçalo Sant'Ana, 36 anos. Por feliz coincidência, tem o apelido da colina de Lisboa ultimamente tão debatida por causa do enorme projecto imobiliário previsto para os terrenos de quatro hospitais, uns a funcionar e outros já fechados (São José, Capuchos, Miguel Bombarda e Santa Marta). A designação da marca não poderia ser outra, é bom de ver. E Gonçalo até tem acompanhado a polémica urbanística[...]*³⁵.

³⁴ Cláudia Ninhos, Para que Marte não afugente as Musas, *A Política Cultural Alemã em Portugal e o Intercâmbio (1933-1945)*. Tese de Doutoramento História/História Contemporânea, FCSH-UNL, 2016.

³⁵ Maria João Guardão, “Foi você que pediu a sua própria cerveja?”, *Publico*, 16 de Abril de 2014. Acedido em Maio, 2018: <<https://ocorvo.pt/primeira-marca-de-cerveja-artesanal-de-lisboa-nasce-na-colina-de-santana/>>.

Usos e (ab)usos do passado. Memória (s) para acolher um rótulo publicitário, uma estória centrada numa memória de sucesso urbano e artesanal, a partir de uma memória popular e urbanística designada como “Colina da Saúde, ou com patine de muitos séculos incorporados Colina de Sant’Ana.

O Campo que ficou incólume ao sismo de 1755, não conseguiu segurar, no espaço público das ondas de redes, e de enredos, a sua designação de Código Postal – CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA!³⁶. O que significa que o campo de memória de um tempo inaugural da nossa contemporaneidade, a partir de 1817-1820, está totalmente ausente e distante da memória coletiva de quem por ali deambula sob a forma de visitante, passeante, turista nacional ou estrangeiro, jornalista ou qualquer outra condição.

Diferentes usos de memória, diferentes usos do passado, sem dúvida. E em memória de 1817-1820, podemos, sempre, beber uma cerveja artesanal, da *Sant’Ana LX Brewery*, dando vida à beleza do morto...



Fig. 1. Publico, 16 de Abril de 2014. Símbolo da nova Cerveja Artesanal lisboeta.

³⁶ Acedidos a 15 Novembro de 2018: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/75031>>; <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5967>.